

# Poema | Marco de Menezes

14/01/2020

**1.**

o amarelo de um domingo  
pode rapidamente mudar de tom.  
ir de uma translucidez de garrafa  
a uma macicez de quibebe  
ou de massilha.

**2.**

não se pode crer em uma rua  
que só sobe, nem em uma rua  
totalmente lisa.

**3.**

músicas que tocam de manhã  
serão destruídas à tarde  
pela sombra de um angico  
ou de uma ponte  
deitada sobre elas.

**4.**

o domingo é equação complexa o bastante para não  
[cabem em um parque vazio.

**5.**

o amor dos jovens  
é o primeiro a ser  
chacinado aos domingos

**6.**

quanto mais perto da noite  
tendo se arrastado  
pelos túneis da tristeza  
mais o domingo se alegra

**7.**

no entanto

às vezes não é o domingo  
a causa do incêndio de segunda  
nem a segunda  
saindo de preto à rua  
poderá dizer  
de opalescentes domingos afebris.

**8.**

os pilotos de domingo  
têm os dentes extraídos  
no sábado  
para que a mordedura  
obtenha um macio cruel  
e hálito de esperança.

**9.**

mais cedo, se é domingo, a manhã é luminosa e vital  
mais tarde, se é domingo, a tarde empalidece até o  
[desmaio

**10.**

estranhos  
os elevadores que conduzem  
o domingo  
ao subsolo 1 ou ao subsolo 2.  
há uma altivez de descer no quarto andar  
mas quase nenhuma de descer no térreo.  
o porteiro do domingo tem muitas faces  
e nenhuma, e nenhuma altivez tampouco.

**11.**

há bairros  
onde nenhum velho  
será visto  
e as casas fechadas  
sem cantoria ou churrasco  
também não escondem velhos.  
há bairros inteiros  
sem um único velho.  
o domingo os prestidigita  
os transforma em juta

limas  
ou pestanas de violões  
encouraçados.

**12.**

o amor dos sérios  
desmaia  
sob as rodas  
do domingo.

**13.**

plantação dominical

**13.1.**

ou obscuramente calmo, nas UPAs destroçadas  
ou um leviatã convulsionado e hostil  
que devora tripas e miolos, nas UPAs  
[destroçadas

**13.2.**

nas delegacias policiais  
a vontade morre e as mãos descascam  
e aquele verde-claro  
que ninguém nota a semana toda  
ataca  
os objetos vizinhos e as palavras  
digitadas em beós:  
roubo verde abalroamento verde  
abigeato verde  
assassinato verde.

**14.**

em feiras de móveis ou carros  
o domingo:  
no primeiro caso  
você pode entreter seu ódio  
e desgastar seus incisivos laterais  
no MDF e na madeira de pinus.  
no segundo, já  
a manhã é um carro ela mesma  
feliz, bárbara e intrujã.

**15.**

nas paradas  
os papéis colados  
conversam sozinhos  
sobre destino e luxúria.  
no domingo é sobre isso  
somente que se fala  
na sala ou no espaço.

**16.**

as fotos tiradas hoje entregam enganos de todos os dias.

**17.**

um domingo em Macau  
e um domingo em Itaqui,  
para além da língua,  
guardam formidável simetria

(poderiam ambos  
serem pinturas em selos  
Itaqui vista de Alvear  
Macau vista de Hong Kong  
água rosa e flores sentinelas)

mas o que é simétrico é o desprezo  
e o que é formidável é o pequeno

talvez como os selos  
que um colecionador pinça e amplia  
no projetor  
às três da tarde  
para os netos

o português andrógino do espanhol  
o português erínea do cantonês.

**18.**

o domingo era um homem velho de olhar sentido  
que ficou mirando a lateral do carro  
como se ali  
houvesse um risco um amassado  
onde só havia a lataria

simples e banal  
de um carro branco.

**19.**

Ofélia  
todo domingo  
vai admirar a sanga  
nos Pelúcios.

**20.**

eu quis estender em um domingo  
sobre o espinhal antigo  
a velha toalha de criança  
que sempre levava comigo

ainda está lá, aquele trapo torpe  
e há muitos anos deixei de visitá-la  
como a um parente amnésico

na boca da caverna do futuro  
no entanto  
ela segue sendo  
minha única bandeira

**Marco de Menezes** é autor dos livros de poemas *As horas dragas* (1999), *Pés de aragem* (2007), *Fim das coisas velhas* (2009) — vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura nas categorias Poesia e Livro do Ano em 2010, *Ode paranoide* (2010) e *Pequena madrugada antes da meia-noite* (2016). Nasceu em Uruguaiana (RS) e vive em Caxias do Sul (RS).